



QUE CONFUSÃO DA MULESTA! UM ESTUDO SOBRE MARCADORES DE INTENSIDADE DO DIALETO NORDESTINO



Mariane Gomes de Lima
Orientador: Prof. Dr. Rafael Prearo Lima

RESUMO

Este trabalho visa fazer um estudo sobre a construção e as origens de marcadores de intensidade usados no dialeto nordestino, tema justificado pela necessidade de preservação e de valorização da cultura e da identidade nordestinas. Nossa hipótese é a de que esses marcadores apresentam construções gramaticais e semânticas que refletem parte da história dos falantes desse dialeto. Assim, à luz dos estudos da Fraseologia, analisamos dez marcadores de intensidade a partir de 250 postagens encontradas na rede social X (antigo Twitter), descrevendo sua construção e investigando suas possíveis origens com base no acervo disponibilizado pela Hemeroteca Digital Brasileira, em cujos jornais dos séculos XIX e XX foi possível demonstrar o uso desses marcadores ao longo do tempo. Os resultados indicam a existência de três grupos distintos de marcadores quanto a suas origens: marcadores relacionados (1) a males da área da saúde; (2) ao contexto religioso cristão; e (3) a condições sociais. Além destes, um quarto grupo (“outros”) também foi necessário para classificar um dos marcadores. Por sua vez, quanto à construção, foi possível identificar que esses marcadores seguem dois padrões de sequência, a saber, (i) substantivo abstrato – marcador de intensidade; (ii) substantivo concreto – adjetivo – marcador de intensidade.

INTRODUÇÃO

As línguas não são estáticas, mas vivas, adaptando-se e modificando-se ao longo do tempo. Exemplos dessas mudanças estão registrados na obra *A Língua do Nordeste* (Marroquim, 1945), na qual são abordadas as transformações e os costumes linguísticos do dialeto nordestino, com foco nos estados de Alagoas e de Pernambuco. Atualmente, o dialeto nordestino, segue passando por alterações e, por esse motivo, é fundamental que seja estudado. Entre as particularidades linguísticas desse dialeto está o uso de alguns marcadores de intensidade.

Marcadores de intensidade são palavras ou locuções que conferem ênfase ou intensidade a outras palavras, assemelhando-se aos advérbios. Na língua portuguesa, são encontrados em locuções como “pra caramba”, que denota intensidade. Porém, diferentemente de advérbios, alguns marcadores de intensidade são usados para dar ênfase a substantivos.

Assim, a partir deste trabalho, buscamos responder aos seguintes problemas de pesquisa: quais são alguns dos marcadores de intensidade usados no dialeto nordestino do português brasileiro? Como surgiram e como são usados pelos falantes desse dialeto?

Considerando os estudos da Fraseologia, nossa hipótese é a de que os marcadores de intensidade do dialeto nordestino apresentam construções gramaticais e semânticas únicas, refletindo a história de seus falantes, influenciados por fatores sociais, históricos e regionais específicos.

OBJETIVOS

O objetivo geral é fazer um estudo da origem e da construção de dez marcadores de intensidade usados no dialeto nordestino.

A partir desse objetivo geral, os objetivos específicos são: (i) compilar um *corpus* de análise dos marcadores de intensidade a partir de postagens da rede social X (antigo Twitter); (ii) Analisar e descrever a construção dos marcadores de intensidade, categorizando seus usos em grupos distintos; (iii) Investigar a historicidade de cada marcador de intensidade.

METODOLOGIA

O estudo iniciou com a análise teórica da Fraseologia, seguida da seleção de dez marcadores de intensidade típicos do dialeto nordestino, obtidos de conversas informais com pessoas dos estados de Pernambuco, Bahia e Paraíba. Os marcadores selecionados foram: “da bexiga”, “do cão”, “do diacho”, “da desgraça”, “da gota”, “de lascar”, “da miséria”, “da moléstia”, “da peste” e “da pleura”.

A partir disso, foi montado um *corpus* de 250 postagens da rede social X (antigo Twitter) com exemplos contextualizados desses marcadores, coletados por meio de buscas. Na sequência, os dados foram analisados e categorizados com base na construção gramatical e nas possíveis origens dos marcadores.

Por último, fizemos uma pesquisa histórica em jornais dos séculos XIX e XX, encontrados na Hemeroteca Digital Brasileira, para comparar as formas antigas com os exemplos atuais e identificar mudanças ao longo do tempo, ajudando a compreender as origens desses marcadores.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

A análise do *corpus* apontou a existência de dois padrões distintos de construção gramatical dos marcadores de intensidade. O primeiro segue esta estrutura: substantivo abstrato + marcador de intensidade. O segundo padrão de marcador de intensidade é este: substantivo concreto + adjetivo + marcador de intensidade, cf. esquematizado na Tabela 1.

Tabela 1. Padrões

SUBSTANTIVO ABSTRATO	MARCADOR DE INTENSIDADE	SUBSTANTIVO CONCRETO	ADJETIVO	MARCADOR DE INTENSIDADE
raiva	da bexiga	mulher	linda	da bexiga
dor (de cabeça)	do cão	matéria	chata	do cão
calor	do diacho	filme	ruim	do diacho
solidão	da desgraça	voz	boa	da desgraça
dor (de dente)	da gota	tênis	lindo	da gota
frio	de lascar	prova	difícil	de lascar
cansaço	da miséria	sol	quente	da miséria
fome	da moléstia	cabeça	grande	da moléstia
tristeza	da peste	música	boa	da peste
felicidade	da pleura	carro	caro	da pleura

Fonte: autoria própria

CONCLUSÃO

As análises indicam que os marcadores de intensidade do dialeto nordestino analisados podem ser considerados como unidades fraseológicas por serem compostos por formas fixas, sempre acompanhadas pela preposição “da”, seguida por um substantivo. Essa estrutura fixa (preposição + substantivo) é o que os caracteriza como unidades fraseológicas.

Quanto ao aspecto histórico, a análise dos jornais da *Hemeroteca Digital Brasileira* revelou que os marcadores de intensidade analisados estão ligados a um entre categorias distintas, as quais apresentamos a seguir (Tabela 2).

Tabela 2. Aspecto Histórico – Grupos

MALES OU DOENÇAS	QUESTÕES RELIGIOSAS	CONDIÇÕES SOCIAIS	OUTROS
da bexiga	da desgraça		de lascar
da gota	do diacho	da miséria	
da moléstia	do cão		
da peste			
da pleura			

Fonte: autoria própria

REFERÊNCIAS

- BEVILACQUA, Cleci Regina. Fraseologia: perspectiva da língua comum e da língua especializada. *Revista Língua e Literatura*. v.7, n.11, p.73-86, 2005.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Dimensões da palavra. *Filologia e Lingüística Portuguesa*, n. 2, p. 81-118, 1998.
- COSTA, Geisa Borges da. *Denominações para “diabo” nas capitais brasileiras: um estudo geossociolinguístico com base no Atlas Linguístico do Brasil*. 2016. 203f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística). Instituto de Letras (ILUFBA). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.
- LIMA, Joana Angélica S. As unidades fraseológicas em Salvador. *Revista Philologus*. v.21, n.63. Anais da X Jornada Nacional de Linguística e Filologia da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2015. p. 636-648
- MARROQUIM, Mário. *A língua do Nordeste: Alagoas e Pernambuco*. Vol. XXV. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945.
- MENDES, Marília Pereira. *O componente fraseológico no jornal Super Notícia a partir da perspectiva variacionista*. 2015. 184f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras da UFMG, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.
- SILVA, Moisés Batista da. Uma palavra só não basta: um estudo teórico sobre as unidades fraseológicas. *Revista de Letras*. v.1, n.28, p.11-20, 2006.